



O papel da educação do campo no fortalecimento da agroecologia – o caso da Escola Latino-americana de Agroecologia

The role of rural education in strengthening agroecology – the case of the Latin American School of Agroecology

WIGINESKI, Laís Rossatto¹

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, laisrossatto@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Essa pesquisa se debruçou sobre a experiência da turma Abya Yala da Escola Latino-americana de Agroecologia, procurando sistematizar como os(as) egressos(as) avaliam o processo de formação e como tem atuado no fortalecimento da agroecologia. A metodologia se baseou em três eixos, uma pesquisa bibliográfica, investigando o contexto da agroecologia e da educação do campo, bem como uma análise nos trabalhos de pesquisa já realizados na ELAA. Posteriormente, foram feitas 13 (treze) entrevistas semiestruturadas via zoom em dois períodos distintos, finalmente foi realizada a transcrição, análise e categorização dos trechos das entrevistas. Notou-se a multiplicidade do alcance da agroecologia e as diversas possibilidades de atuação, ainda que o período da pesquisa tenha coincidido com a pandemia da COVID-19. Concluiu-se que ELAA vêm cumprindo seu papel ao formar humana-política e tecnicamente militantes que se capacitam para incidir nos territórios e fomentar a ampliação da agroecologia.

Palavras-chave: acompanhamento de egressos; trabalho; territorialização; movimentos sociais.

Introdução

A Escola Latino-americana de Agroecologia se caracteriza enquanto espaço formativo para a classe trabalhadora e camponesa e dá o pontapé inicial na formação em agroecologia de nível superior no Brasil, atendendo também educandas(os) oriundas(os) de diversos países da América Latina. O desafio que está posto as(aos) egressas(os) do curso é que retornem aos territórios, comunidades e movimentos de origem enquanto técnicas(os)-pedagogas(os)-militantes que sejam capazes de potencializar e acompanhar experiências agroecológicas ou de transição, assim como enriquecer e fomentar o debate político da agroecologia nos respectivos contextos locais. Nesse sentido, o objetivo geral dessa pesquisa foi investigar como têm se desenvolvido as atividades das(os) egressas(os) do curso de Tecnologia em Agroecologia no retorno aos seus territórios, comunidades e movimentos, fazendo o recorte da Turma Abya Yala, formada em 2019.

A ELAA nasceu em 2005 e é fruto de articulação da Via Campesina formalizada em uma parceria firmada entre o Governo Estadual do Paraná e o Governo Venezuelano. Foi a primeira instituição brasileira a oferecer um curso de nível superior em agroecologia, se destacam entre os objetivos da consolidação do curso



a necessidade de formação técnica e política entre agricultoras(es) e militantes dos movimentos sociais camponeses que possam, ao fim do curso, fomentar a transição agroecológica em seus territórios. Amparada pelo Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária – PRONERA, o consórcio se deu com a então Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná – UFPR e foi transferido, anos mais tarde, para o Instituto Federal do Paraná - IFPR Campus Campo Largo. Ao longo do processo, o projeto político pedagógico do curso sofreu algumas alterações, mas segue essencialmente mantendo a proposta inicial da formação agroecológica sob uma perspectiva sistêmica e com significativo viés político pautado pelos movimentos sociais, sendo a coordenação compartilhada entre a instituição parceira e a Via Campesina, com destaque para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, que abriga o espaço físico da ELAA no Assentamento do Contestado, município da Lapa – PR.

O objetivo geral do Curso de Tecnologia em Agroecologia é contribuir na formação política, humana e técnica em agroecologia, de jovens camponeses da América Latina, para que estes aprimorem a capacidade de pesquisa e reflexão sobre a realidade onde estão inseridos, para que contribuam na orientação e na promoção da reconstrução ecológica da agricultura, na geração de formas sociais de cooperação no trabalho e na construção de um novo projeto de sociedade. (TARDIN, 2014, p. 27).

Desde a fundação até o momento, a ELAA formou quatro turmas de agroecologia: Mata Atlântica, Semente Latina, Resistência Camponesa e Abya Yala, totalizando aproximadamente 165 egressos(as). Atualmente a V Turma está em processo de formação. Nesse trabalho, procurei sistematizar como os(as) egressos(as) da turma Abya Yala, formada em 2019, avaliam o processo educativo e como tem atuado no fortalecimento da Agroecologia em suas comunidades e movimentos de origem ou em outros territórios em que estejam inseridos(as). Para tal, elencaram-se os seguintes objetivos específicos: a) Contextualizar a ELAA, sua história e dinâmica; b) Sistematizar as avaliações da formação e as experiências de agroecologia desenvolvidas pelos(as) egressos(as); c) Apontar os avanços e desafios do processo de territorialização da agroecologia a partir da educação do campo.

A turma Abya Yala se trata de um coletivo de 51 estudantes, onde estavam representados 11 estados brasileiros: Ceará, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rondônia, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como mais cinco países latino-americanos, quais sejam: República Dominicana, Bolívia, Chile, Paraguai e Argentina. No âmbito dos movimentos sociais, também houve muita diversidade, eram 16 as organizações presentes. A formação da ELAA se estrutura na pedagogia da alternância tendo os tempos educativos divididos entre tempo escola e tempo comunidade, se orienta pela pedagogia freiriana através do diálogo de saberes e se baseia na pedagogia do movimento que marca a abordagem do projeto político pedagógico a partir de um acúmulo histórico das escolas do MST.



Metodologia

A metodologia utilizada se baseou em três eixos principais, uma pesquisa bibliográfica prévia, investigando o contexto da agroecologia e da educação do campo e a maneira como interagem e convergem, assim como uma análise nos trabalhos de pesquisa já realizados na ELAA. Posteriormente foram feitas 13 entrevistas semiestruturadas via zoom em dois períodos distintos, sendo as quatro primeiras no mês de março de 2021 e as nove últimas entre agosto e outubro de 2022. A escolha dos(as) entrevistados(as) aconteceu pelo critério de disponibilidade seguida da distribuição geográfica. Finalmente foi realizada a transcrição, análise e categorização dos trechos das entrevistas. As entrevistas semiestruturadas se basearam no seguinte roteiro: a) Nome, cidade, movimento, ocupação; b) A relação com a Agroecologia antes do ingresso no curso; c) Os aspectos mais marcantes da formação; d) Avaliação dos aspectos técnico e político; e) Pedagogia da Alternância – limites e potencialidades; f) Avaliação sobre a capacidade do curso instrumentalizar para a territorialização da agroecologia; g) Relatos das experiências pós-formação.

Resultados e Discussão

Na proposta educativa da ELAA a auto-organização da turma e a manutenção das atividades necessárias ao funcionamento da escola fazem parte do processo formativo, manejando a materialidade das condições de reprodução social da classe trabalhadora e camponesa e partindo da perspectiva do trabalho como princípio educativo. A turma se divide em Núcleos de Base, para estabelecer a cadeia de comunicação e de tomadas de decisões participativas, assim como se insere nos setores de trabalho, espaço esse dividido com as(os) trabalhadoras(es) da Brigada Chico Mendes, militantes majoritariamente do MST que trabalham voluntariamente possibilitando o desenvolvimento das atividades de formação.

Então, eu acho que uma das coisas que que marcou bastante na minha experiência foi o trabalho coletivo. Sempre a escola se caracterizou por isso mesmo, uma escola comuna, né? Porque a gente, ao chegar lá se sente em casa. Sente essa energia positiva, de uma construção coletiva. Porque a gente sente esse espaço, esse lugar como nosso mesmo, foi construído por pessoas como nós, pessoas que tiveram ideias, pessoas que tiveram sonhos, então sentir essa energia da coletividade dos companheiros e das companheiras, o internacionalismo, eu acho que isso marcou bastante (Claudio Diaz, entrevistado em 23-03-21).

A questão da diversidade cultural e da troca de conhecimentos e experiências entre militantes vindos(as) de diferentes localidades se configura como um dos elementos mais importantes destacados pelos(as) egressos(as).

De fato, acho que o que fica mais forte assim da nossa formação, é a oportunidade desse intercâmbio cultural e de conhecer experiências de diversas regiões do país e de outros países da América Latina, a diversidade cultural muito grande, acho que foi muito marcante para a nossa formação.-(Ana Karoline Dias, entrevistada em 17-08-22).



Ao serem provocados(as) para avaliarem dois aspectos principais da formação, o técnico e o político as opiniões são quase unânimes no sentido de perceber a questão política como central em detrimento de maior aprofundamento técnico. Ainda que com esses limites, através das entrevistas é possível perceber que a formação conseguiu capacitar esses(as) profissionais, tecnólogos(as)-militantes-educadores(as) para estarem hoje atuando de forma a contribuir para o avanço da agroecologia, seja na prática agroecológica das comunidades camponesas, na militância dos movimentos sociais, em escolas e espaços educativos ou em projetos de ATER.

A experiência da ELAA é fundamental para eu estar cumprindo esse papel que é estar ajudando a organizar uma escola em outro território e me fez compreender melhor a importância desses instrumentos dos movimentos sociais, das organizações da classe trabalhadora nos territórios, são importantes para formar e capacitar uma militância em melhor condição para fazer a luta cotidiana nas suas diferentes dimensões, a dimensão do debate político, a dimensão da aplicação técnica da agroecologia, a construção da agroecologia enquanto ciência, então forma uma militância muito mais capaz de fazer isso no cotidiano. (Diego Rangel Fraga, entrevistado em 20-09-22).

Com relação às experiências vividas pós-formação, a pesquisa pôde registrar importantes contribuições dos(as) egressos(as) de forma plural e diversa. No entanto, três temáticas principais se destacaram, são pontos de confluência que aparecem em diferentes contextos e chamam atenção justamente por comporem uma realidade comum no que tange ao avanço da agroecologia nos territórios da América Latina, quais sejam os cenários de conflito e disputa de território, o debate de gênero dentro da agroecologia e a educação em agroecologia.

Começando pelos cenários de conflito e disputa de território, foram relatadas atividades desenvolvidas na região atingida pelo rompimento da barragem Mina Córrego do Feijão em Brumadinho que aconteceu em janeiro de 2019, onde a Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social - AEDAS atua visando buscar a reparação integral para as vítimas do crime ambiental prestando assessoria técnica as comunidades atingidas, a egressa Cleidineide Pereira de Jesus trabalha em campo com as famílias atingidas, buscando mitigar os impactos nocivos do rompimento da barragem através da agroecologia. Na Guatemala, em uma experiência de intercâmbio, que tinha por objetivo conhecer as experiências guatemaltecas e também apresentar as experiências agroecológicas exitosas do MST no Brasil, Ana Karoline Dias relatou a precariedade e marginalização sofridas pelas comunidades camponesas indígenas, onde o dirigente do movimento que recebia a comitiva precisava circular pelo território com escolta armada. A Guatemala apresenta uma das maiores taxas de concentração de terra do mundo, atualmente a Coordenação Nacional das Organizações Camponesas e Indígenas (CONIC) que tem representantes em 20 dos 22 estados do país, sendo 90% indígenas, luta por direito à terra e desenvolvimento rural com acesso a serviços básicos.



No Mato Grosso o Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB atua em diversas cidades e comunidades que passam pelo processo de inundações e apropriação territorial, a agroecologia tem tido importante papel nessa luta, auxiliando na reconstrução da vida das comunidades camponesas afetadas pelas grandes obras das hidrelétricas da região. Na cidade de Petorca, no Chile, a falta de água deflagra uma situação catastrófica do Estado Chileno, que passa por um evento climático extremo, com uma seca que já dura cerca de nove anos. Mas há grande responsabilidade do Estado na condução da situação, a legislação oriunda do período da ditadura de Augusto Pinochet (1973 – 1990) por meio do Código de Águas, retirou dos gestores públicos a possibilidade de manejar ações básicas no combate à falta d'água, inclusive para abastecimento humano, enquanto grandes proprietários do agronegócio monopolizam as reservas de água em detrimento de inúmeras populações camponesas. A egressa Marileu Antu Avendaño atua na articulação política das comunidades apresentando técnicas que se calçam em um manejo hídrico ecológico buscando a preservação e recuperação das águas através da agroecologia. Em Macaé do Rio de Janeiro o Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST se articula com a sociedade e propõem resistências construtivas, como é o caso da Unidade Pedagógica em Agroecologia Marielle Franco, a escola que nasce no acampamento Edson Nogueira em resposta a ameaça de despejo e contribui na formação e capacitação de dezenas de pessoas, sejam elas ligadas ao movimento ou não. O egresso Diego Rangel Fraga é professor e coordenador da unidade pedagógica e traz o debate da agroecologia como forma de produção, resistência e modo de vida para as famílias camponesas.

Em Repatriación, no Paraguai há a situação do avanço desenfreado da monocultura da soja que vêm modificando o contexto agrário e político do país há cerca de 15 anos, com influência de latifundiários brasileiros que levam para o território paraguaio o pacote tecnológico utilizado do lado de cá da fronteira: sementes transgênicas, fertilizantes químicos, agrotóxicos, máquinas pesadas e violência para controlar os levantes populares de camponeses. Flor da Serra no sudoeste do Paraná, região marcada por dois momentos históricos importantes de luta pela terra, a Revolta de 57 e a sequência de lutas dos anos 1980 que culminou na fundação do MST em 84, se vê altamente afetada desde a década de 1960 pela modernização da agricultura que também difundiu o pacote tecnológico da Revolução Verde. Nesses dois casos os egressos presentes nas comunidades atuam desenvolvendo experiências agroecológicas em suas próprias unidades produtivas, assim como participando de projetos que disseminam a agroecologia, se contrapondo ao modelo de agricultura convencional que se consolida nos territórios. É um conflito de discursos e de práticas que divergem na forma de pensar a produção, a comercialização e a organização social desses espaços.

O tema gênero, mulheres e feminismo permeou a experiência da Turma Abya Yala de forma bastante marcada, atentas aos processos de invisibilização, mulheres de diferentes organizações e territórios tem demandado e pautado processos de agroecologia com especial atenção ao público feminino. Na vivência das egressas



da Turma Abya Yala é possível perceber a crescente disseminação de projetos com esse caráter, que procuram instrumentalizar as mulheres para reconhecer sua importância na dinâmica social e econômica, bem como orientar e discutir sobre casos de violência e opressão. E o último ponto de destaque é a educação em agroecologia, dos(as) treze entrevistados(as), seis estão atuando na área da educação, contribuindo no avanço da pauta agroecológica tanto em espaços formais, quanto informais, dando sequência a práxis pedagógica proposta pelo curso.

Conclusões

Ao analisar os relatos é notório que a construção da agroecologia vem se dando através de inúmeros espaços em que estiveram inseridos(as) os(as) militantes que compuseram a turma Abya Yala. A maioria chega a ELAA com uma bagagem prévia de conhecimento e aproximação da agroecologia que se dá, majoritariamente, por duas vias, uma delas são os espaços de educação do campo - as escolas famílias agrícolas ou escolas itinerantes que nas últimas décadas têm conseguido trazer a agroecologia para a matriz pedagógica e a outra são os diferentes movimentos sociais camponeses. O processo formativo é uma constante nas trajetórias pesquisadas e não se resume ao período do curso, ou seja, a ELAA tem um papel crucial na formação profissional em Agroecologia, mas ela compõe uma teia de proporção muito maior. É interessante nesse ponto também perceber o caráter formativo da luta, os movimentos sociais camponeses se apresentam inicialmente como organizações que lutam por direitos, mas ao longo de sua existência vão tomando forma e se caracterizando também como potentes espaços de formação.

Um aspecto interessante descortinado pela pesquisa é a multiplicidade do alcance da Agroecologia e as diversas possibilidades de atuação. Foram descritas experiências dos(as) egressos(as) da turma Abya Yala com educação, comunicação, assistência técnica, práticas agroecológicas, mobilização social, conservação de sementes e gênero. O período da realização da pesquisa coincidiu com o período da pandemia da COVID-19 e certamente isso exerceu muita influência nas experiências descritas. Ainda há muito que refletir, mas é perceptível o avanço da agroecologia fortalecido pela educação do campo, a despeito dos diferentes ventos políticos que sopram na América Latina, oscilando entre governos mais conservadores e governos mais progressistas, o processo de territorialização da agroecologia está em curso, ainda que haja falta de políticas públicas permanentes que possam garantir a continuidade de muitas ações, que seguem dependendo de investimentos da cooperação internacional, ou mesmo de iniciativas dos próprios movimentos sociais

Nesse cenário a Escola Latino-americana de Agroecologia vem cumprindo significativo papel ao longo dos seus 17 anos de história, formando humana-política e tecnicamente militantes que se capacitam para incidir nos territórios e fomentar a construção e/ou a ampliação da agroecologia.



Referências bibliográficas

TARDIN, J. M. Relatório Interno da Experiência da Escola Latino-Americana de Agroecologia – ELAA. La Via Campesina – CLOC. Lapa-PR, Brasil – 2014. 83 p.